

## MITO E IDENTIDADE EM *RINOCERONTES* DE EUGÈNE IONESCO<sup>1</sup>

\*PINTO JUNIOR, Braz; \*\*SOUZA, Adalberto de Oliveira

\*Acadêmico do Curso de Letras da UEM; \*\*Docente - UEM

**RESUMO.** O estudo do Teatro de Ionesco como interpretação da existência humana sem a noção fundamental do Absoluto reflete sua principal característica: o “desmoronamento” do texto dramático como estrutura de comunicação, a partir de uma visão revolucionária de mundo em que convenções são desafiadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro do Absurdo, poética e interpretação.

Acusado de apolítico e pequeno-burguês, por causa de uma série de peças que focavam a estrutura dramática, Eugène Ionesco, em 1959, trouxe à cena sua obra mais polêmica e a que o tornaria conhecido mundialmente: *Rinocerontes*. Trata-se de uma peça em três atos não-convencionais, na qual o escritor romeno lida com o fenômeno do embrutecimento do ser humano submetido à ideologia do totalitarismo.

Numa atmosfera onírica, espécie de elegia da desumanização, consequência da aceitação dos mitos nazistas, o autor dessacraliza as visões de mundo preconizadas na Europa do período entre guerras, conduzindo o expectador por uma seqüência de metamorfoses que leva a uma reflexão final: verdadeiro “ser ou não ser” do teatro do absurdo.

A alegoria presente no texto é suficientemente clara: um surto de “rinocerite” acomete a população de uma cidade que, aos poucos e inexplicavelmente, se transforma em bestas enormes - de chifres afiados e dotadas de couraças protetoras, além de uma força descomunal - capazes de agir sem perda de tempo, sem divagações filosóficas ou qualquer tipo de remorso, destruindo tudo e todos em seu caminho.

Em meio a todas essas metamorfoses, um homem resiste solitário, é Bérenger, uma espécie de aberração, cuja incapacidade de se tornar rinoceronte o leva a empunhar a bandeira em defesa da raça humana, seja lá o que isso signifique.

---

<sup>1</sup> Área Temática da Extensão: Cultura.

Área do CNPq: Lingüística, Letras e Artes.

As ideologias totalitaristas baseiam-se em concepções míticas do mundo e do homem, daí porque propomos o tema da desmitificação, não só dos ideais que levam os homens a se transmudarem em rinocerontes na peça, mas também dos próprios conceitos identitários do século XX e da própria noção de texto dramático.

Na obra de Ionesco, encontram-se muitos signos relacionados às tradições mitológica e literária e suas respectivas intertextualidades. Traçando analogias entre *Rinocerontes* e os demais textos do autor podemos definir quais as visões de mundo preconizadas por ele, como se constitui o seu universo, o que tem de absurdo e por que razão se contrapõe às noções clássicas ou interage com elas.

Ionesco constrói em *Rinocerontes* uma tese anti-nazista por excelência, mas sua dramaticidade vai além da mera propaganda humanitária. O autor cria um impasse existencial do qual seu protagonista, Bérenger, é a peça chave: viver como homem num mundo de rinocerontes. Neste ponto, temos a revisão dos conceitos de identidade; legitima-se o estado bestial e o ser humano é quem passa a ser o monstro.

Ionesco inverte a noção de humanidade com a finalidade de levar o leitor (ou expectador) a refletir sob uma ótica inusitada, a dos próprios rinocerontes, e o conflito reside justamente na constatação de quão lógico pode ser o mundo desses “animais”.

O texto dramático proposto por Ionesco, enquadrado por Martin Esslin no chamado Teatro do Absurdo, não se limita a discutir os temas sócio-existenciais, mas tende a subvertê-los. Também subverte a própria estrutura dramática ou, como acontece em *Rinocerontes*, os valores filosóficos.

Com o surgimento de *Rinocerontes*, o teatro do Absurdo ganha uma outra dimensão. Nela, o absurdo não reside apenas nas situações cômicas ou nos diálogos aparentemente sem sentido nem se limita a relações entre quatro paredes ou a universos particulares, mas tende a se espalhar, crescer e se multiplicar tomando conta de toda uma coletividade. Daí a repercussão social e a crítica que o texto sempre desencadeia.

## SUGESTÕES DE LEITURA

ESSLIN, Martin. *Théâtre de l'Absurde*. Paris: Buchet/Chastel, 1971.

GUINSBURG, J. et al. *Semiologia do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

IONESCO, Eugène. *Rhinocéros*. Paris: Gallimard, 1959.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc. *O Mito Nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

MAGALDI, Sábato. *O Mundo de Ionesco*. In: *O Texto no Teatro*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2001.